

EXTRA-CLASSE

Documentário retrata bastidores do golpe contra Hugo Chávez

Os meios de comunicação do Ocidente, salvo raras exceções, qualificam o presidente venezuelano Hugo Chávez de “fanfarrão” a “ditador”. O currículo do fundador do Partido Bolivariano, que busca resgatar as idéias do herói latino-americano Simon Bolívar deixa espaço para essas alcunhas. Ainda na condição de coronel do Exército da Venezuela, Chávez liderou um golpe de estado frustrado. Essa intentona golpista tornou-o uma espécie de herói nacional. Construindo seu carisma, Chávez acabou eleito pelo voto da maioria do povo como presidente da República, tendo liderado uma reforma constitucional, reelegendo-se e vencendo novamente um plebiscito sobre seu governo.

Podem ser levantados vários questionamentos a respeito de Chávez, porém, inegável o fato de que tem jogado dentro do regime democrático. Entretanto, parcela da sociedade (empresários, militares de alta patente, associados aos meios de comunicação mais influentes)

sempre procurou apontar no governante daquele país um sujeito arbitrário e ligado a supostos interesses cubanos. Esse quadro hostil também foi construído com o dedo do presidente norte-americano, George W. Bush. Todo esse clima de pressão levou a uma conspiração que redundou no golpe contra Hugo Chávez, em 2002. O documentário “A revolução não será televisada”, dos irlandeses Kim Bartley e Donacha O'brian, de 2003, busca contar os bastidores dos momentos de grande tensão, em 2002, que tiveram num primeiro momento, a derrubada de Chávez, sua prisão num quartel venezuelano, e o ápice da crise, com a pressão da população, obrigando a restituição do governo chavista.

O vídeo, com duração de 76 minutos, foi apresentado na edição de julho (dia 23), do *Cultura na SEDUFSM*. Aproximadamente 100 pessoas lotaram o auditório do sindicato e participaram do debate, que teve a parte introdutória realizada pelo professor



Fotos: ADRIANA GARCIA

Cerca de 100 pessoas lotaram auditório do sindicato para participar do debate

Ervandil José da Costa, do curso de Direito da UFSM, pelo editor do jornal *A Razão*, de Santa Maria, José Mauro Batista, e pela professora do curso de

jornalismo da UFSM, Márcia Franz Amaral. O tema é tão instigante que, docentes do campi da Unipampa, em Alegrete, solicitaram a reedição do evento.

A direita e a mídia



Márcia: mídia venezuelana apóia a 'direita'



Elvândir: conceitos diferentes de liberdade



Batista: imprensa anti-democrática

A jornalista e professor da UFSM, Márcia Franz Amaral, começou sua intervenção após a apresentação do documentário “A revolução não será televisada” afirmando que o tema continua atual, apesar de ter sido lançado em 2003, pois, segundo ela, a idolatria do povo venezuelano a Hugo Chávez persiste, mesmo depois do presidente colocar isso em prova, quando ocorreu o referendo, em 2004, em que ele foi escolhido com quase 60% dos votos. De acordo com ela, o golpe de estado se deu em consequência de uma “direita” muito organizada em torno da mídia, composta essencialmente por canais privados.

Márcia disse ainda que, depois do golpe, o governo daquele país precisava de uma política de comunicação forte, em parte pelo fato de haver uma disputa na representação do presidente venezuelano. Enquanto para uma maioria da sociedade, formada por mestiços, Chávez representa uma espécie de “pai dos pobres”, para uma minoria, representada pela elite branca (européia), ele é tão somente um ditador com tendências fascistas e que se notabiliza pela amizade com o cubano Fidel Castro.

“O povo é como boi. Não sabe a força que tem”. A frase de efeito é do advogado Elvândir José da Costa, em referência aos movimentos populares que levaram Hugo Chávez de volta ao poder após 48h aprisionado em um quartel militar. Para Costa, que é professor da UFSM e da Ulbra, até que seria importante ter uma televisão de “direita”, porque serviria como fiscalizadora das ações do governo. Mas, não com atitudes golpistas, com interesses voltados meramente para o pensamento capitalista norte-americano. Segundo o professor, não se pode esquecer que a Venezuela é uma grande fonte de petróleo para os Estados Unidos. Portanto, um governo anti-americano acaba por afetar os interesses do “Tio Sam”.

LIBERDADE - Quando se aborda o conceito de liberdade, Elvândir José da Costa faz uma diferenciação entre liberdade de imprensa e liberdade da empresa jornalística. Para ele, a

liberdade que se fala na democracia é aquela em que a sociedade tem o direito de saber, ser informada, sem censura. Outra coisa é a liberdade de a empresa fazer o que quiser, inclusive distorcer e manipular as notícias. Segundo ele, não é essa liberdade de que trata o chamado Estado de direito numa democracia.

José Mauro Batista, editor de *A Razão*, destacou que o documentário não apresentava uma “edição pura”. Para ele, o apoio dos veículos de comunicação foi o que possibilitou o golpe. Mas, em contrapartida, Hugo Chávez conservava interesses próprios e, dentro dos seus traços, que segundo Batista, teriam características de “ditador”, estabeleceu normas a sua imagem e semelhança. De acordo com o editor de *A Razão*, a Venezuela não tem veículos democráticos e com compromisso social.

INSTRUMENTO - No caso da Venezuela, os meios de comunicação atacaram de forma tosca o governo, segundo a professora Márcia Franz Amaral. Esses mesmos meios, conforme a professora, defenderam seus próprios interesses, no caso, explicitados pelas mudanças que o presidente Chávez fez na direção da empresa estatal de petróleo, a PDVSA. Para ilustrar essa disputa econômica e política, ela lembra que no dia seguinte ao golpe, os comentaristas das redes de TV privadas comemoravam abertamente a destituição do presidente. Por outro lado, no dia após a restituição de Chávez, somente um jornal noticiou o fato.

Para Márcia, a cassação dos direitos de transmissão da emissora RCTV (Rádio Caracas Televisión) foi em decorrência de irregularidades de diversas naturezas, que estão previstas na Constituição e não, como se apregoou, uma retaliação do presidente Chávez. Equivalente a isso, ela esclarece que os meios de comunicação estão sempre tensionados e há predominância do jogo dos poderes naquele país. “É preciso transpor o poder da mídia para a sociedade, com a participação política”, afirmou a docente da UFSM.